

Os Mestres e o Futuro da Humanidade

Texto de um Mahatma Mostra as Bases Filosóficas da Próxima Religião Universal

Carlos Cardoso Aveline



1. O Presente e o Futuro

Livre de imitações, a filosofia teosófica original nos permite ter uma percepção correta das próximas etapas da evolução humana. E isso possui uma importância decisiva, porque a percepção de futuro determina as ações do presente.

Temos ao nosso alcance os instrumentos necessários para construir uma visão saudável de futuro. É de causar estranheza que não tenham sido feitos esforços mais intensos nas últimas décadas para pesquisar e esclarecer melhor o tema da religião não-dogmática e não-clerical que já começa a nascer na nova cultura global.

Sabemos, desde já, que ela será a religião-filosofia, a religião da ética. Ela superará o culto e a adoração cegos, seja de um deus pessoal, seja da mera tecnologia materialista, hoje apresentada ao público leigo como “ciência”. Mas há seguramente muito por descobrir e por realizar nesta linha de trabalho.

É oportuno estudar o que a literatura teosófica autêntica afirma sobre o tema da consciência planetária que está a surgir. O mundo lusófono como um todo deve dar sua contribuição ao processo de surgimento de uma civilização global saudável. As chaves desta transição parecem estar com a sabedoria esotérica. É ela - ao contrário das ciências e filosofias

exotéricas - que nos capacita para compreender o atual momento humano do ponto de vista do seu potencial positivo. O tema é prioritário para a Loja Independente de Teosofistas.

O material a seguir investiga a relação viva entre dois termos de uma equação. De um lado, o movimento esotérico autêntico e o círculo mais amplo formado por todos os indivíduos de boa vontade. De outro lado, a tarefa: o processo prático de transição, individual e coletiva, para as próximas etapas da evolução humana.

2. As Bases Filosóficas de uma Religião Universal

Helena Blavatsky foi discípula avançada de certos raja-iogues dos Himalaias. Em 1875, ela criou o movimento teosófico moderno, cuja primeira meta é a ideia e a lei da fraternidade universal. A história registra que, nos primeiros anos do movimento teosófico, mais precisamente em 1881, um dos raja-iogues ou Mestres de Sabedoria que orientavam o trabalho teosófico decidiu buscar conselhos, e consultou o seu próprio instrutor.

O Mestre dos Mestres foi então ouvido. O tema era a natureza, a meta e o rumo do movimento que estava sendo iniciado.

O simples fato de que tal consulta foi feita mostra que todos os seres aprendem e se desenvolvem; inclusive aqueles que já superaram a roda do renascimento e alcançaram o adeptado - a proficiência em ciência esotérica. É desnecessário, portanto, pensar supersticiosamente em um Mestre de Sabedoria, como se ele fosse todo-poderoso ou como se sua ação tivesse um alcance instantâneo e ilimitado. Só a pseudoteosofia transforma Mestres em objetos de adoração pessoal.

O instrutor que foi consultado é chamado pelos Mestres simplesmente de Chohan. A palavra “Chohan” significa “Senhor”. Mais tarde, este mesmo Sábio passou a ser referido como “Maha-Chohan”. Um dos instrutores de H. P. Blavatsky qualificou-o em certa ocasião como “a rocha das idades”. Em outro momento, referiu-se ao Chohan como “aquele para quem o futuro é como uma página aberta”. [1]

O que ocorreu em 1881?

Depois da consulta com o Chohan, o Mestre fez um relato da conversa. Este texto é a mais autorizada descrição da Missão que deveria ser cumprida pelo movimento teosófico e esotérico autêntico, não só nas décadas, mas também nos séculos seguintes. Ele contém uma profecia extraordinária, e positiva, sobre o progresso cultural e histórico da nossa humanidade. Ao contrário das profecias que se limitam a anunciar grandes desastres, o texto aponta o rumo da transição vitoriosa dos seres humanos (não sem sacrifícios) para uma nova era de paz e de fraternidade.

O texto é uma das primeiras cartas recebidas diretamente dos grandes seres que guiam sutilmente a humanidade, trabalhando em níveis superiores de consciência e estimulando as pessoas de boa vontade.

Cabe registrar que o trabalho dos Mestres através de H.P. Blavatsky foi realizado de modo especialmente direto e incisivo devido ao fato de que esta discípula tinha uma alta iniciação e possuía outras características cármicas adequadas para as necessidades daquele momento. A missão de HPB preparou o momento culminante da transição para a era de Aquário, ocorrido em 1900, nove anos depois da sua morte. Através da vida e da obra de HPB, os Mestres

terminaram de plantar as bases da consciência de uma nova era que ainda levaria mais de um século para florescer.

Pensadores como Immanuel Kant, na Alemanha; Voltaire, Rousseau, Diderot, d'Holbach e outros na França; Benjamin Franklin, Thomas Paine e outros nos Estados Unidos, abriram amplamente as portas para a transição de era.

Um século depois do Iluminismo, a Carta do Maha-Chohan define em 1881 o dharma ou missão maior do movimento esotérico moderno. Uma das metas do movimento é dar elementos para que se produza uma mudança de consciência capaz de superar tanto as superstições religiosas como as ilusões materialistas, libertando o pensamento humano para a percepção serena da sabedoria universal. A humanidade deve ser capaz de viver outra vez em harmonia com a Lei da Fraternidade.

Ao ler a Carta do Maha-Chohan, há um detalhe histórico a ser observado. É preciso ter claro o fato de que, onde o texto menciona “Sociedade Teosófica”, deve-se ler “Movimento Teosófico”. O motivo disso é que a Sociedade Teosófica original já não existe mais. O movimento tem hoje grande diversidade. A sua fragmentação organizativa começou nos anos 1890, quando Annie Besant deu os primeiros passos no sentido de fazer com que a Sociedade de Adyar abandonasse os ensinamentos originais e passasse a promover práticas ritualísticas.

Entre outros motivos, a Carta do Maha-Chohan tem especial importância porque nela encontramos elementos centrais de informação sobre a religião do futuro. Ela dá os contornos gerais de uma religiosidade que deve espalhar-se mais amplamente a partir do século 21. Havia, porém, uma dúvida a respeito do conteúdo exato da carta, em uma passagem das mais decisivas.

O texto transcrito por C. Jinarajadasa no volume “Cartas dos Mestres de Sabedoria” (Ed. Teosófica) diz o seguinte:

“A Sociedade Teosófica foi escolhida como a pedra fundamental, o alicerce das religiões futuras da humanidade.” [2]

A passagem inspira alguns questionamentos. Existirão, no futuro, muitas religiões competindo entre si? Ou haverá uma única religião global, ainda que não-autoritária?

O original da Carta do Chohan desapareceu, e há mais de uma cópia dele. Nos primeiros anos do movimento, cópias das Cartas dos Mahatmas circulavam privadamente entre os estudantes. A Sociedade Teosófica de Pasadena publicou a versão do texto que está no Museu Britânico. Nesta versão, o documento menciona a religião futura, no singular:

“A Sociedade Teosófica foi escolhida como a pedra fundamental, o alicerce da religião futura da humanidade.” [3]

Neste caso o mestre teria afirmado que a religião do futuro será uma só - naturalmente não-burocratizada e incluindo a necessária diversidade cultural.

Visando verificar os fatos, nós obtivemos uma cópia autêntica da mais autorizada versão da Carta do Chohan que existe no mundo, que é a cópia feita a caneta pelo próprio Alfred Sinnett, o homem que a recebeu do Mestre.

Esta versão da carta está no setor de Manuscritos Raros da Biblioteca Britânica (British Library), em Londres, e seu número de identificação é 45289A. Em maio de 2009, foi obtida junto à Biblioteca Britânica uma cópia fac-similar autenticada completa do manuscrito 45289A - a Carta do Chohan.

O exame direto do manuscrito deixa claro que a frase correta é:

“A Sociedade Teosófica foi escolhida como a pedra fundamental, o alicerce da religião futura da humanidade.”

Esta comprovação é importante por vários motivos. Um deles é que ainda hoje a maior parte das publicações teosóficas internacionais - inclusive as que estão voltadas para a teosofia original - continuam a divulgar a frase equivocada, falando de “religiões” no plural, tal como na versão de C. Jinarajadasa.

Cabe observar também que, na última frase da carta, há uma referência à “**verdadeira filosofia, a verdadeira religião**”, no singular.

A religião do futuro é a religião-filosofia, a religião-sabedoria.

Ela é uma, mas não é autoritária, e portanto inclui o princípio da diversidade cultural. Ela tem como base a percepção direta e a vivência da fraternidade universal que une todos os seres. Internamente una, ela pode ser vista como externamente múltipla.

A ideia de pluralidade cultural e religiosa é essencial para a visão teosófica de futuro, e isto está bem documentado. A Carta do Maha-Chohan tem um complemento importante na Carta de 1900 (Carta 46 da primeira série de “Cartas dos Mestres de Sabedoria”). A Carta de 1900 é a última mensagem recebida de um Mestre, e é datada do ano em que começou a era de Aquário.

Reforçando a Carta do Maha-Chohan, mas destacando a abertura à pluralidade ao mencionar “as futuras religiões da humanidade”, a Carta de 1900 afirma:

“A S.T. foi concebida para ser a pedra angular das futuras religiões da humanidade. Para realizar este objetivo, aqueles que a lideram devem deixar de lado suas frágeis predileções pelas formas e cerimônias de qualquer credo particular....”.[4]

Em português, pedra angular é sinônimo de pedra fundamental. Em inglês, a expressão é a mesma nas duas cartas: “corner-stone”.

Aqui estão, lado a lado, a unidade e a pluralidade da religião do futuro. A pedra angular, a fonte e o alicerce da religiosidade futura devem ser dados pela filosofia do movimento teosófico original.

O texto completo da carta de 1900 não é conhecido por todos. Ele contém valiosas advertências em relação aos erros da Sociedade de Adyar. Em poucos parágrafos, a carta antecipa quase todos os erros que a Sociedade de Adyar iria cometer ao longo do século 20 e que ainda comete na primeira parte do século 21.

Entre eles estão:

1) O abandono dos ensinamentos originais;

- 2) O culto à personalidade dos dirigentes;
- 3) O endeusamento dos Mestres;
- 4) A criação de um “papado esotérico”;
- 5) A adoção de rituais e cerimônias desta ou daquela religião.

As advertências não foram ouvidas. Ponto por ponto, Annie Besant fez quase exatamente o oposto do que é recomendado pelo Mestre na carta de 1900. Provavelmente por este motivo, Besant também tomou a providência prática de ocultar a carta. O documento só foi publicado 19 anos depois, e mesmo assim despojado de algumas das suas frases e palavras de maior importância. Muito mais tarde, o texto integral da Carta de 1900 foi finalmente resgatado e publicado por setores independentes do movimento. Isso ocorreu já durante a década de 1980.

Hoje, ele pode ser lido em português em nossos websites associados. [5]

Transcrevemos a seguir a íntegra da profética “Carta do Maha-Chohan”, com a devida correção na frase sobre a religião do futuro.

Veja-se a força extraordinária que este documento histórico possui, e que estimula em cada leitor não só o necessário espírito crítico em relação às ilusões do momento atual, mas também uma calma confiança no futuro da nossa humanidade, a curto, médio e longo prazo.

(Carlos Cardoso Aveline)

000

3. A Íntegra da Carta do Maha-Chohan

[Carta 01, primeira série, “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, Ed. Teosófica, Brasília, 1996 - com uma correção.]

A doutrina que promulgamos, por ser a única verdadeira, deve, apoiada em provas como as que estamos por oferecer, triunfar, afinal, como qualquer outra verdade. Contudo, é absolutamente necessário incuti-la gradualmente, colocando em prática suas teorias, fatos inquestionáveis para aqueles que sabem, com inferências diretas deduzidas das - e corroboradas pelas - evidências fornecidas pelas modernas Ciências Exatas. Esta é a razão pela qual o Coronel H.S.O., que trabalha apenas para reviver o Budismo, pode ser visto como alguém que se esforça na verdadeira senda da teosofia, muito mais do que qualquer outra pessoa que escolha como meta a gratificação de suas próprias e ardentes aspirações ao conhecimento oculto. Despojado de suas superstições, o Budismo é verdade eterna, e aquele que se esforça por encontrar esta última está buscando a *Theo-Sophia*, Sabedoria Divina, que é um sinônimo da verdade.

Para que nossas doutrinas ajam de forma prática sobre o assim chamado código moral, ou as ideias de retidão, pureza, autoesquecimento, caridade, etc., temos de popularizar o conhecimento da Teosofia. O que caracteriza o verdadeiro teosofista não é o objetivo individual e determinado de obter para si mesmo o Nirvana (culminação de todo conhecimento e sabedoria absoluta) - o que, afinal, é apenas um sublime e glorioso *egoísmo* - mas a dedicação à busca com autossacrifício do melhor meio para levar nosso próximo ao caminho correto, beneficiando o maior número possível de nossos semelhantes.

Os setores intelectualizados da humanidade parecem estar-se dividindo rapidamente em dois grupos. Um prepara-se inconscientemente para longos períodos de aniquilação temporária, ou estados de não-consciência, devido ao abandono deliberado de seu intelecto, e aprisionamento nas estreitas trilhas do fanatismo religioso e da superstição, processo que inevitavelmente conduz à total deformação do princípio intelectual; o outro entrega-se desenfreadamente a seus impulsos animais, com a intenção deliberada de *submeter-se* à aniquilação pura e simples em caso de fracasso, e a milênios de degradação após a dissolução física. Essas “classes intelectuais”, agindo sobre as massas ignorantes que elas atraem, e que as veem como nobres e dignos exemplos a seguir, rebaixam e degradam moralmente aqueles que deveriam proteger e orientar. Entre a superstição degradante e o ainda mais degradante e brutal materialismo, a pomba branca da verdade dificilmente encontra um lugar onde possa descansar seus pés desprezados e exaustos.

Já é tempo de a teosofia entrar em cena; os filhos dos teosofistas serão mais provavelmente teosofistas, em seu tempo, do que qualquer outra coisa. Nenhum mensageiro da verdade, nenhum profeta jamais conquistou, durante seu tempo de vida, um completo triunfo, nem mesmo Buda. A Sociedade Teosófica foi escolhida como a pedra fundamental, o alicerce da religião futura da humanidade. Para alcançar o objetivo proposto, foi determinado que houvesse uma convivência maior, mais sábia, e especialmente mais benevolente, do superior com o inferior, do Alfa e do Ômega da sociedade. A raça branca deve ser a primeira a estender a mão da fraternidade aos povos de cor escura e a chamar de irmão o pobre “negro” desprezado. Esta perspectiva pode não agradar a todos, mas não é teosofista aquele que se opõe a este princípio.

Em vista do sempre crescente triunfo e, ao mesmo tempo, mau uso do livre-pensamento e da *liberdade* (o reino universal de Satã, como o chamaria Eliphas Levi), como poderia o instinto combativo natural do homem ser impedido de infligir crueldades e atrocidades, tirania, injustiça, etc., até hoje inimagináveis, se não através da tranquilizadora influência de uma fraternidade e da aplicação prática das doutrinas esotéricas de Buda?

Pois, como todos sabem, a libertação total da autoridade do poder único ou lei que a tudo impregna, chamada de Deus pelos padres - Buda, Sabedoria Divina e iluminação ou Teosofia pelos filósofos de todas as épocas - significa também a emancipação, no mesmo sentido, da lei humana.

As doutrinas fundamentais de todas as religiões se comprovarão idênticas em seu significado esotérico, uma vez que sejam desagrilhoadas e libertadas do peso morto representado pelas interpretações dogmáticas, dos nomes pessoais, das concepções antropomórficas e dos sacerdotes assalariados. Osíris, Krishna, Buda e Cristo serão apresentados como nomes diferentes de uma mesma estrada real para a bem-aventurança final, o Nirvana.

O Cristianismo místico, isto é, aquele Cristianismo que ensina a autolibertação através do nosso próprio sétimo princípio - o *Para-Atma* (*Augoeides*) libertado, chamado por alguns de Cristo, por outros, de Buda, e equivalente à regeneração ou renascimento em espírito - será visto como exatamente a mesma verdade do Nirvana do Budismo. Todos nós temos de nos livrar de nosso próprio Ego, o ser ilusório e aparente, a fim de reconhecer nosso verdadeiro ser em uma vida divina transcendental. Mas, se não formos egoístas, devemos esforçar-nos e fazer com que outras pessoas vejam essa verdade, e reconheçam a realidade desse ser transcendental, o Buda, Cristo ou Deus de cada pregador. Esta é a razão por que mesmo o

Budismo exotérico é o caminho mais seguro para conduzir os homens em direção à única verdade esotérica.

Do modo como se encontra o mundo agora, seja cristão, muçulmano ou pagão, a justiça é desconsiderada, enquanto a honra e a piedade são atiradas ao vento. Numa palavra, vendo que os objetivos principais da S.T. são mal interpretados por aqueles mais interessados em nos ajudar pessoalmente, como iremos lidar com o restante da humanidade, em meio à maldição conhecida como “luta pela vida”, que é a real e mais prolífica causa da maioria das desgraças e tristezas e de todos os crimes? Por que esta luta teve que tornar-se o esquema quase universal do universo? Nós respondemos: porque nenhuma religião, com exceção do Budismo, ensinou até agora um desapego prático por essa vida mundana, enquanto cada uma delas - sempre com aquela única e solitária exceção - através de seus infernos e danações, inculcou o maior pavor em relação à morte. Por isso nós encontramos, de fato, esta luta pela vida imperando mais violentamente nos países cristãos, prevalecendo especialmente na Europa e na América. Ela é mais fraca nas terras pagãs e praticamente desconhecida entre as populações budistas. (Na China, durante um período de fome, onde as massas são mais ignorantes em relação a sua própria religião ou a qualquer outra, foi notável o fato de que aquelas mães que devoraram seus filhos pertencessem às localidades onde se encontrava a maior quantidade de missionários cristãos; onde não havia nenhum deles e apenas os bonzos possuíam a terra, a população morria com o máximo de indiferença). Ensine-se ao povo a ver que a vida nesta Terra, mesmo a mais feliz, é apenas um fardo e uma ilusão, que apenas o nosso próprio *karma*, a causa que produz um efeito, é nosso próprio juiz, - nosso salvador em vidas futuras - e a grande luta pela vida em breve perderá sua intensidade. Não há penitenciárias nas terras budistas, e o crime é praticamente desconhecido entre os budistas no Tibete. (O que foi dito acima não é dirigido a você, ou seja, A.P.S., e nada tem a ver com o trabalho da Sociedade Eclética de Simla. Pretende apenas dar uma resposta à impressão equivocada do Sr. Hume a respeito do “trabalho do Ceilão” como não sendo Teosofia).

O mundo em geral, e especialmente a cristandade, abandonado por dois mil anos ao regime de um Deus pessoal, bem como a seus sistemas políticos e sociais baseados nessa ideia, provou agora ser um fracasso. Se os teosofistas dizem: “Nada temos com tudo isso; as classes mais baixas e as raças inferiores (aquelas da Índia, por exemplo, na concepção dos britânicos) não são motivo de preocupação para nós e devem arranjar-se como podem” - o que acontece com nossas belas declarações sobre benevolência, filantropia, reforma etc.? Serão tais declarações falsas? E se forem falsas, poderá a nossa senda ser a verdadeira? Não deveríamos nos dedicar a ensinar a alguns poucos europeus, que vivem na abundância - muitos deles carregados com as dádivas de uma fortuna imerecida - a explicação racional dos fenômenos de campanhas soando no ar, da materialização de xícaras, do telefone espiritual e da formação do corpo astral, e deixar os numerosos milhões de ignorantes, de pobres e desprezados, humildes e oprimidos, tomar conta de si mesmos e de sua vida futura da melhor forma que puderem? Nunca! Antes pereça a S.T., com os seus dois infelizes fundadores, do que permitirmos que ela se transforme em mera academia de magia, um centro de ocultismo. Que nós, os devotados seguidores daquele espírito encarnado do absoluto autossacrifício, da filantropia, da divina benevolência, assim como de todas as mais elevadas virtudes que se pode alcançar nesta terra de tristeza - o homem dos homens, Gautama Buda - permitíssemos, em algum momento, à S.T. representar a *corporificação do egoísmo*, o refúgio dos poucos que jamais pensam nos muitos, é uma estranha ideia, meus irmãos.

Entre os poucos vislumbres obtidos pelos europeus acerca do Tibete e de sua hierarquia mística de “Lamas perfeitos”, há um que foi corretamente compreendido e descrito. “A

encarnação do *Bodhisattva*, *Padma Pani*, ou *Avalokitesvara* e *Tsong-ka-pa* e a de *Amitabha*, que renunciavam, na sua morte, à obtenção do Budado - ou seja, o *summum bonum* da bem-aventurança e da felicidade pessoal individual - de forma a nascerem mais e mais vezes em benefício da humanidade”. (R.D.) Em outras palavras, que deveriam ser submetidos reiteradamente à miséria, ao aprisionamento da carne e a todas as tristezas da vida, para que, através deste autossacrifício, repetido através de longos e monótonos séculos, pudessem tornar-se os meios de assegurar a salvação e a bem-aventurança futura para um punhado de homens escolhidos entre uma das muitas raças da humanidade. E é de nós, os humildes discípulos destes Lamas perfeitos, que se espera aprovação para que a S.T. abandone seu nobre título de Fraternidade da humanidade e torne-se uma simples escola de Psicologia. Não, não, bons irmãos, vocês já estão equivocados há demasiado tempo. Vamos entender-nos bem. Aquele que não se sente competente o bastante para compreender suficientemente a nobre ideia, para trabalhar por ela, não necessita assumir uma tarefa que é muito pesada para ele. Mas dificilmente haverá um teosofista em toda a Sociedade, que não possa auxiliá-la eficientemente através da correção das impressões errôneas dos de fora, quando não ajudar realmente através da propagação dessa ideia. Ah, o homem nobre e altruísta que nos auxiliar *efetivamente*, na Índia, nesta divina tarefa! Todo nosso conhecimento, passado e presente, não seria suficiente para recompensá-lo.

Tendo explicado nossos pontos de vista e aspirações, tenho apenas mais umas poucas palavras a acrescentar. Para serem verdadeiras, a religião e a filosofia têm de oferecer a solução de todos os problemas. Que o mundo esteja moralmente em tão má condição é uma evidência conclusiva de que nenhuma de suas religiões e filosofias, aquelas das raças *civilizadas* menos do que qualquer outra, jamais possuíram a *verdade*. As explicações corretas e lógicas sobre os problemas dos grandes princípios duais - certo e errado, bem e mal, liberdade e despotismo, dor e prazer, egoísmo e altruísmo - são tão impossíveis para elas agora como eram há 1881 anos atrás. Elas estão tão longe da solução quanto sempre estiveram; mas deve haver, em algum lugar, uma solução consistente para estes problemas e, se nossas doutrinas provarem sua competência em oferecê-la, então o mundo será o primeiro a confessar que esta deve ser a verdadeira filosofia, a verdadeira religião, a verdadeira luz, a qual dá a verdade e nada mais que a verdade.

(Final da Carta do Maha-Chohan)

NOTAS:

[1] Sobre a alusão ao “futuro como uma página aberta”, veja “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, editadas por C. Jinarajadasa, Editora Teosófica, Brasília, 1996, p. 57. Sobre a alusão a “rocha das idades” ou “rocha das eras”, veja “Cartas dos Mahatmas Para A.P. Sinnett”, Ed. Teosófica, Brasília, primeiro parágrafo da Carta 18, volume I, p. 112.

[2] Carta 01, primeira série, em “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, obra citada, p. 18.

[3] “View of the Chohan on the T.S.”, texto incluído no volume “**Combined Chronology - For use with ‘The Mahatma Letters to A.P. Sinnett’ and ‘The Letters of H.P.B. To A.P. Sinnett’**”, by Margaret Conger, T.U.P., Pasadena, California, 1973, 48 pp., ver especialmente a p. 44.

[4] “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, obra citada, pp. 106-107.

[5] Leia [“A Carta de 1900, na Íntegra”](#).

000

O artigo **“Os Mestres e o Futuro da Humanidade”** foi publicado nos websites associados em 2011.

A Carta do Maha-Chohan, discutida e reproduzida nele, pode ser considerada uma espécie de “carta constituinte” do movimento teosófico, porque estabelece algumas das linhas básicas mais importantes para a sua atuação. Quando **“Os Mestres e o Futuro da Humanidade”** foi publicado, o trabalho da futura **Loja Independente de Teosofistas (LIT)**, já surgia internacionalmente com perfil próprio, mas ainda era parte, do ponto de vista formal, da Loja Unida de Teosofistas.

A criação da **LIT** ocorreu em 14 de setembro de 2016. No mesmo dia foi declarada a sua independência em relação a outras correntes de pensamento. Uma das características que distinguem a **LIT** é que ela compreende um fato básico, estranhamente ignorado por outras correntes teosóficas. É o fato de que os ensinamentos dados diretamente pelos Mestres de Sabedoria, através das suas Cartas, não devem ser ignorados, mas merecem uma atenção central e prioritária por parte dos estudantes sinceros de teosofia.

000

Leia mais:

* [A Carta do Maha-Chohan.](#)

* [A Carta de 1900, na Íntegra.](#)

* [O Mestre Diz Adeus a Besant.](#)

* [Lições das Cartas dos Mahatmas.](#)

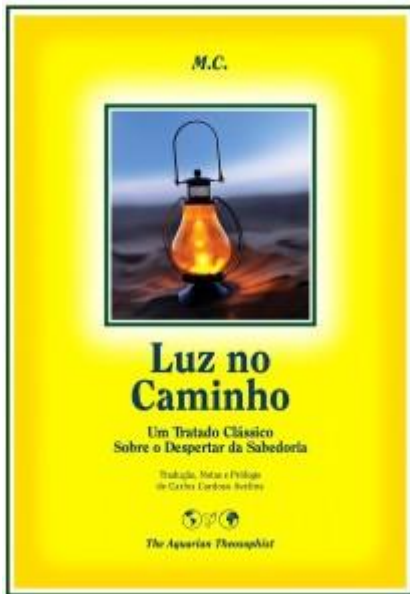
* [Carta de Prayag - a Dimensão Sutil da Crença em Deus.](#)

000

Em setembro de 2016, depois de cuidadosa análise da situação do movimento esotérico internacional, um grupo de estudantes decidiu formar a **Loja Independente de Teosofistas**, que tem como uma das suas prioridades a construção de um futuro melhor nas diversas dimensões da vida.

000

Sobre o mistério do despertar individual para a sabedoria do universo, leia a edição luso-brasileira de **“Luz no Caminho”**, de M. C.



Com tradução, prólogo e notas de Carlos Cardoso Aveline, a obra tem sete capítulos, 85 páginas, e foi publicada em 2014 por “**The Aquarian Theosophist**”.

000